

REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

Preparadas pelas alunas enfocando diferentes aspectos que tomam como base contribuições teóricas de alguns autores e depoimentos de pessoas de diferentes idades.

Por: Caroline de Aguiar, Elisa Sonagli, Fabíola Fátima da Costa, Nicolle Vieira da Rosa, Rosana Teresinha Ramos e Simone Maria Ávila

O TEMPO PASSA, O TEMPO VOA: E A INFÂNCIA...?

Entrevistas e texto final produzidos pelas acadêmicas :

Caroline de Aguiar

Elisa Sonagli

Fabíola Fátima da Costa

Nicolle Vieira da Rosa

Rosana Teresinha Ramos

Simone Maria Ávila (7ª fase - Curso de Pedagogia - Educação Infantil - 1º semestre de 2001)

Os significados da infância são construídos socialmente. Isto significa que esses significados nem sempre foram os mesmos e as modificações ocorreram e ocorrem por determinações culturais e mudanças estruturais na sociedade. Ariès foi um dos pioneiros a estudar este assunto. Em sua obra clássica, “A história social da criança e da família” (1981), o autor mostra como o conceito de infância tem evoluído através dos séculos, oscilando entre pólos em que as crianças eram consideradas ora um “Bibelô”, ora um “adulto em miniatura”.

No passado a taxa de mortalidade infantil era muito alta e quando as crianças vinham a morrer os pais não manifestavam nenhum sentimento de perda ou tristeza, aceitando normalmente o fato. Quanto ao sentimento de infância, Ariès (1981), destaca dois tipos: o de “paparicação”, que surgiu no ambiente familiar com crianças menores e o de “moralização”, que nasceu da necessidade de preservar e disciplinar as crianças. Este último originou-se com os “homens da lei” e religiosos e estendeu-se as famílias. Esta moralização vai inspirar a educação do século XX.

A infância geralmente é idealizada de forma irreal. Quantas vezes vemos pessoas falando que gostariam de voltar a ser criança, pois estes foram os melhores dias de suas vidas? Em nome de uma homogeneização interesseira relacionada com projetos políticos elitistas, a idéia de infância feliz é reforçada, mascarando problemas sociais por que passam milhares de crianças em todo o mundo. Mas será que todas as infâncias representam este sentimento de saudade, de uma época feliz? Existe na nossa cultura um mito de infância feliz, mito este que estamos aprendendo a desconstruir.

São tantos estudos a este respeito e há uma necessidade tão grande em conceituar a infância que até ficamos confusas. Por entender que hoje existe uma enorme diversidade cultural, consideramos que exista um tipo de infância para cada cultura e o seu significado pertence, portanto, ao modo de cada um conceber a vida. Sendo assim, a questão: O que é Infância, não tem uma resposta única e muito menos uniforme como podemos ver através de entrevistas feitas com pessoas de várias idades.

As respostas!!!

O que era ou não permitido uma criança fazer na época da sua infância?

“Tínhamos horário para brincar. Só podíamos brincar nos domingos ou à noite. Durante a semana tínhamos que ajudar a mãe na cozinha, lavar roupas, capinar, pegar café no pé e trabalhar na roça. Tinha muito serviço”. (JULIETA, 75 anos)

“Eu passava a maior parte do tempo trabalhando na roça, só podia brincar depois de terminar o serviço. Na hora da refeição os maiores sentavam à mesa e os menores ficavam sentados no chão e dividiam o prato”. (JOÃO, 51 anos)

“Quase tudo. Por exemplo: brincar até tarde na rua, escolher as roupas que eu quero vestir...” (FELIPE, 10 anos)

Como entravam em cena as práticas disciplinares/morais, em diferentes instâncias?

“Todos tinham que levantar cedo, mesmo nos domingos, pois tinha que ir para reza. Os pais não brigavam porque todo mundo obedecia, quando desobedecia o pai só olhava, mas se não adiantasse apanhava de cinta e ganhava castigo, ficava de joelho no milho.” (JULIETA, 75 anos)

“Surra e castigo, e só ganhava doce no Natal.” (JOÃO, 51 anos)

“Meu pai só não deixa ficar mais no computador.” (FELIPE, 10 anos)

Lembranças das formas de paparicação:

“Os pais não “papuricavam” os filhos porque não tinham tempo. Eles tinham muito serviço na roça, os irmãos cuidavam uns dos outros”. (JULIETA, 75 anos)

“Como convivia com 10 irmãos, sendo o terceiro filho, a paparicação era muito dividida, os pais não tinham tempo, o trabalho estava em primeiro lugar”.(JOÃO, 51 anos)

“Eu sou “papuricado”. Nos lugares que eu vou eu fico bem comportado e as pessoas me elogiam e o pai e a mãe me dão atenção”.(FELIPE, 10 anos)

...à guiza de conclusão

Comparando as evidências apresentadas na pesquisa de Ariès, com a pesquisa feita acima, percebemos que as crianças de diferentes gerações têm sido tratadas de forma diversa. Segundo os depoimentos acima, antigamente o silêncio e a obediência eram muito presentes, não havia relações de afeto e paparicações explícitas como percebemos hoje e o que permaneceu constante nos relatos (dec. 30 e 50), foi referente às dificuldades econômicas e ao trabalho na roça ou nos afazeres domésticos.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, Miguel Gonzales. O significado da infância. IN: I SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Anais... Brasília : MEC, 1994. p. 88-92.

CHARLOT, Bernard. A Mistificação Pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

GALEANO, Eduardo. A infância como perigo. Revista Atenção, São Paulo: Página Aberta.Set. 1996

KINDERSLEY, B.; KINDERSLEY, A. Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo. São Paulo: Ática /Unicef, 1996.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos César (Org). História Social da Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Roberto Maurício da. Entre a visibilidade e a banalização: a celebração da infância no mundo ou um festival mercadológico do The United Collors of Benetton. Revista Proposições, Campinas: UNICAMP. 19??